

*Nos limites do relato*  
**Indígenas e demarcadores na fronteira sul da América Ibérica no século XVIII<sup>1</sup>**

Resumo: O objetivo deste artigo é, através do estudo de dois relatos de demarcadores – Félix de Azara e José de Saldanha – do Tratado de Santo Ildefonso, compreender a visão que tinham dos indígenas americanos que conheciam e descreviam, assim como compreender o contexto específico de seu relato e de suas idéias.

Palavras-chave: indígenas; demarcação; relatos de viajantes; demarcadores

O objetivo deste artigo é estudar como os demarcadores Félix de Azara e José de Saldanha descreviam e caracterizavam os povos indígenas do sul da América em fins do século XVIII. A justificativa para a escolha destes relatos foi a riqueza de seus escritos e pelo destaque que suas publicações têm ainda hoje. Além disso, o conhecimento construído por Azara - em nome de e para os Reis Católicos - e por Saldanha - para o Império Luso - no Século das Luzes influenciaram sobremaneira o conhecimento geográfico, econômico e – destaque neste trabalho – “etnográfico” do extremo sul da América, contribuindo para o conhecimento “científico” que circulou pelos salões ibéricos em fins do século XVIII e início do século XIX.

---

<sup>1</sup> O presente artigo foi elaborado como resultado final de uma pesquisa financiada pelo Programa Nacional de Apoio à Pesquisa da Fundação Biblioteca Nacional no período de agosto a dezembro de 2008.



A região visitada pelos demarcadores em questão foi ocupada efetivamente no século XVIII. Os portugueses tomaram a região a partir de duas frentes de ocupação. A primeira advinda da região de São Vicente, passando por Laguna. A segunda derivada da povoação da Banda Oriental fomentada pela Coroa Lusa tendo como base o comércio entre o Rio de Janeiro e o Rio da Prata, mais especificamente, o entreposto luso na desembocadura do Rio da Prata, conhecido como Colônia do Sacramento.

A conquista empreendida pelos vicentinos é mais interessante, já que, como nos mostra John Monteiro, os paulistas já sabiam de longa data como negociar, interagir e, inclusive, miscigenar-se com os povos nativos que encontravam no caminho de suas conquistas. No final do século XVII, Domingos de Brito Peixoto sai com sua família – aqui incluídos escravos africanos e indígenas e agregados de toda sorte – para “fundar” a Laguna, povoação mais ao sul, mas igualmente litorânea. Desde o início da conquista, Brito Peixoto e os seus já estabeleceram contatos com os indígenas minuanos, através de diversas práticas comerciais (HAMEISTER, 2002).

O filho de Domingos, Francisco de Brito Peixoto, lançou mão da mesma estratégia ao ter todos os seus descendentes com índias carijós (guaranis). Seu bisneto, Rafael Pinto Bandeira, casou-se três vezes. Seu primeiro casamento foi com uma índia

minuano, o segundo com uma índia tape das Missões e o terceiro, por fim, com a filha de uma das famílias de conquistadores do extremo sul da América Lusa. As escolhas de Pinto Bandeira de casar-se com nativas em nenhum momento diminuíram seu prestígio e seu status social, muito antes pelo contrário: a aliança com os distintos grupos indígenas que habitavam o território que ele se esforçava para conquistar em nome da Coroa Portuguesa seguiu após a morte de suas esposas nativas e possibilitou-lhe transformar-se no grande personagem da história setecentista do Continente. O pai de sua primeira esposa era um dos maiores minuanos, Dom Miguel Carai, com quem seguiu construindo alianças de apoio ainda muito anos depois da morte de sua esposa, no período de disputa territorial com a Coroa Espanhola, como forma de garantir as hostilidades dos minuanos para com os espanhóis.

Em pleno Século das Luzes, após as reformas pombalinas em Portugal e borbônicas na Espanha, a estratégia paulista de relacionar-se com aqueles que eram aos olhos europeus seres inferiores – os indígenas – pode causar estranhamento, entretanto isso está de acordo com o proposto por Schwartz sobre o processo de *etnogênese* na América Portuguesa ao longo de seu período colonial. De acordo com Schwartz, podemos diferenciar dois estágios deste processo de miscigenação e adaptação cultural: num primeiro momento, o encontro entre os conquistadores e os autóctones não resultava em uma pecha de discriminação sobre os mestiços. O segundo estágio, por sua vez, se deu a partir do implemento da economia e da importação de cativos africanos e de instituições civis e religiosas européias. A partir deste momento, a população mestiça perde seu *status* de mediador cultural e passa a estar sujeita à peculiar discriminação das “raças infectas”, característica do Antigo Regime. Cabe lembrar que, para Schwartz, esses estágios não estão relacionados a uma cronologia fechada, eles se dão por fatores sociais. Assim, se no século XVII a passagem ao segundo estágio foi assistida nas plantações de cana da costa, no século XVIII está se deu nas regiões mineradoras e as periferias do norte e do sul só a assistiram no final do século XVIII.

A forma de agir dos conquistadores paulistas permite perceber sua estruturação em torno dos princípios de Antigo Regime, os quais já estavam em baixa no Reino e em muitas partes do Império sob o governo de Pombal. Se com a política pombalina, a concepção corporativa da sociedade começa a não fazer mais sentido, na região em

disputa pelas Coroas Ibéricas ao sul da América do Sul, esta perdura por algumas décadas mais, uma vez que não seria cauteloso implementar reformas de um sistema exitoso em tempos de guerra. Com isso, a monarquia, estrategicamente, abre mão de certas prerrogativas por saber que eram desfavoráveis no sul da América Portuguesa, permitindo que os potentados locais seguissem tendo espaço na política da região e garantindo a soberania lusa<sup>2</sup>.

A frente de ocupação do extremo meridional da América do Sul sediada em Colônia do Sacramento iniciou em 1680, sendo desde esse momento objeto de disputa entre portugueses e espanhóis. Para assegurar seu domínio na região, os portugueses fundam em 1737, o Forte Jesus-Maria-José. A escolha do local de construção do forte teve como principal agente Cristóvão Pereira de Abreu que, saindo de Sacramento, encontrou-se naquele ano com José da Silva Paes que vinha do Rio de Janeiro em direção ao sul. Pereira de Abreu era outro hábil interlocutor com grupos autóctones, especialmente os minuanos, a quem levou até o padre mais próximo e garantiu que não morreriam pagãos, aos olhos da Igreja Católica, é claro (HAMEISTER, 2002).

Tanto a experiência de conquista desde o Rio de Janeiro, tanto aquela vinda de São Paulo demonstram que ao final do século XVIII – período aqui em questão – o conhecimento mútuo entre colonos e alguns grupos nativos já era grande e incluía aspectos importantes daquelas sociedades: comércio, parentesco e guerra. Além dos minuanos, outro grupo nativo, os guaranis, teve amplo contato com ibéricos nas Missões Jesuíticas organizadas pelos inacianos sob os auspícios dos Reis Católicos e tiveram contato com os portugueses ao longo do século XVII através dos ataques paulistas às missões, bem como durante a Guerra Guaranítica, quando tiveram os súditos de Portugal como seus inimigos. Não eram boas memórias, mas elas existiam.

Para realizar o trabalho aqui proposto, foi criada uma base de dados para organizar o material de pesquisa, ou seja, os diversos relatos utilizados neste trabalho. Para

---

2 Penso aqui, por exemplo, na Guerra dos Mascates, em Pernambuco, onde os comerciantes, com certa simpatia da Coroa, que se interessava em diminuir o poder daqueles que governavam desde a conquista, vencem os potentados locais, os nobres da terra, os descendentes dos conquistadores, os filhos das primeiras famílias, ou seja lá o nome que receberem. Naquela capitania do nordeste da América Portuguesa, isso foi possível, pois a conjuntura permitia – e até mesmo tornava imprescindível – aos olhos de Pombal e de seus sucessores, acabar com o monopólio da nobreza da terra. Entretanto no sul, na segunda metade do século XVIII, a situação era mais delicada, o inimigo morava ao lado, e qualquer estremecimento entre a elite local e a Coroa poderia acarretar no bandear de homens e armas para o lado inimigo.

desenvolver esse banco de dados, levei em conta as posições de Perelman & Tyteca, a qual considera a análise da retórica contida naqueles documentos, dando especial ênfase às figuras de linguagem utilizadas. A partir disso, foram criados campos de preenchimento e relacionamentos de registros adequados, tais como: autor do relato; obra; personagens citados; grupos indígenas mencionados; contexto temporal; informante; método de trabalho descrito pelo narrador. Os relacionamentos criados foram para bases paralelas de figuras de linguagem, adjetivos e recursos de autoridade. Este recurso informático busca dar atenção às especificidades das fontes, permitindo buscas rápidas de temáticas, personagens e recursos narrativos/descritivos utilizados pelos demarcadores em seus relatos. Para a construção desta base, utilizou-se metodologia proposta por João Pacheco (PACHECO, 1987), específica para a análise de relatos de viajantes sobre grupos indígenas, que se mostrou adequada para o material empírico empregado nesta pesquisa.

## **1. UMA ÉPOCA EM QUE MUITO SE TRATOU**

O Continente do Rio Grande de São Pedro foi estabelecido como limite meridional da América Portuguesa no século XVIII. Ainda que a ocupação portuguesa de sua possessão americana tenha se iniciado no século XVI e tomado maior fôlego no século XVII, o Continente do Rio Grande de São Pedro só se configurou como tal em fins do século XVIII.

De acordo com André Mansuy-Diniz Silva, na segunda metade do século XVIII, o Brasil era a principal possessão portuguesa no ultramar, uma vez que rebeliões, guerras locais e incursões de outras Coroas européias enfraqueceram o privilégio da Coroa Portuguesa sobre o Estado da Índia, a menina dos olhos do monarca português por algum tempo. A competição com Inglaterra, Holanda e França na importação de mercadorias do Oriente, bem como os ataques estrangeiros à costa da África e as rebeliões de locais – em Cabo Verde e Angola, por exemplo – e as guerras dos Emboabas e dos Mascates e as invasões espanholas à Colônia do Sacramento, em sua possessão americana, colocavam em risco os privilégios da monarquia portuguesa sobre suas conquistas no ultramar. Entretanto, apesar dos “contratempos”, a parcela ocidental do Império seguia avançando sobre o território. Diante deste cenário, ainda de acordo com Silva, *na metade do século XVIII, o Brasil, graças a seus produtos e a seu*

*comércio, tornara-se não só um elemento importante na riqueza da metrópole, mas também uma das principais fontes de renda do governo (SILVA, 2004:478). Foi neste contexto de enfraquecimento de seus domínios no Oriente e crescente participação de seu território americano na economia do Império que a Coroa Portuguesa preocupou-se em definir os limites de seu território com a vizinha Espanha.*

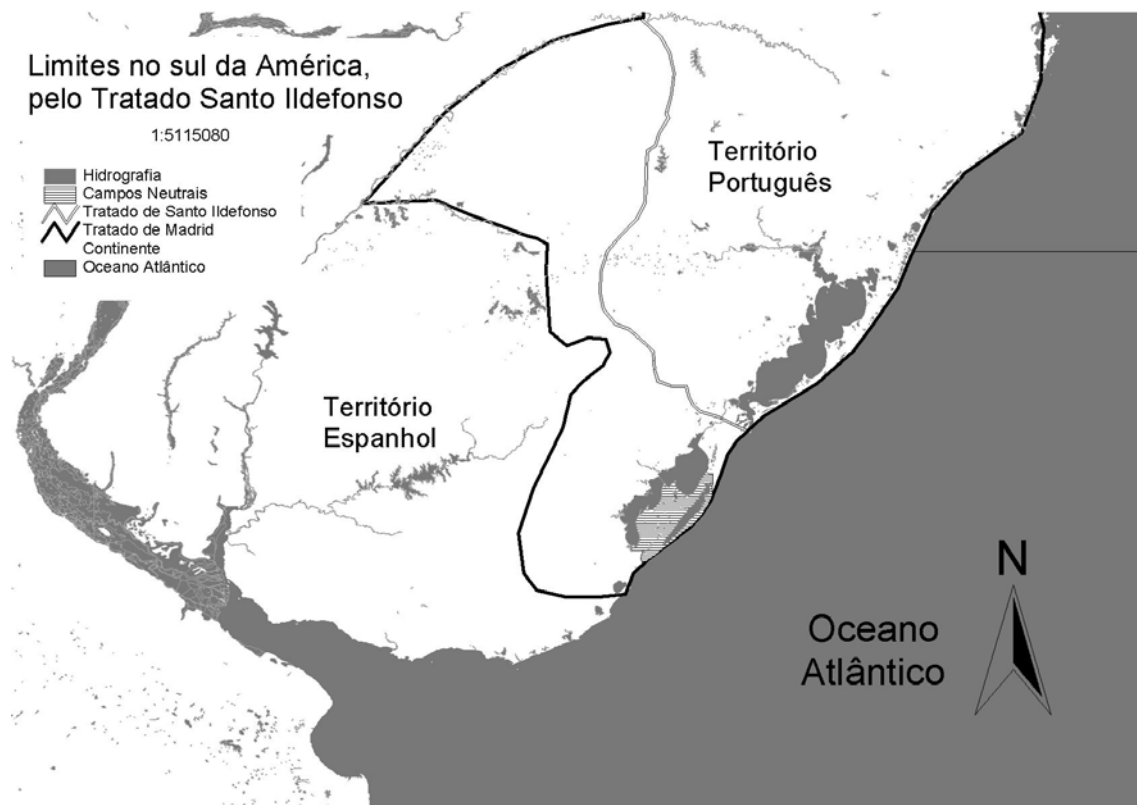
O Tratado de Madri, firmado em 1750 entre as Coroas Ibéricas, anulando todos os tratados anteriores, buscava organizar a região que se tornava cada vez mais importante aos olhos de Impérios que viam outros territórios de suas possessões perderem importância. Ou, mais que isso: conforme Sanjay Subrahmanyam, a região do Rio da Prata era de interesse europeu. Com isso, o historiador indiano atenta para o destaque que o desenrolar da ocupação e definição daquela região tinha para as potências européias, inclusive aquelas que não estavam diretamente ligadas às negociações, como França e Inglaterra (SUBRAHMANYAM, 2006).



Um dos principais pontos em discussão no conflito era o traslado dos índios missionários – que contavam 30 mil almas em 1750 (MONTEIRO, 1992:478) – para a margem ocidental do rio, exigência portuguesa para a efetivação da entrega da Colônia de Sacramento à Espanha. Em 1757, com o fim da peleja após um ano de negociações,

o comandante da expedição demarcadora do Tratado de Madri, Gomes Freire de Andrade, retirou-se da região missioneira para Rio Pardo, acompanhado por indígenas de diversos povos. Entretanto, as disputas luso-espanholas voltaram a acirrar-se no extremo sul da América com a assinatura do Tratado de El Pardo, em 1761, anulando as cláusulas do Tratado de Madri<sup>3</sup>.

Contudo, somente com o Tratado de Santo Idelfonso, assinado em 1777, que criava os *campos neutrais*, uma faixa de terra sobre a qual nenhum dos Impérios em litígio teria jurisdição, e previa a entrega definitiva da Colônia de Sacramento para a Espanha, os ânimos se acalmaram.



Entretanto não pensemos que as disputas entre os Impérios na porção meridional da América estavam solucionados com a assinatura do Tratado de El Pardo: a região das Missões Jesuíticas seguiu sendo de domínio espanhol até 1801, quando a assinatura do Tratado de Tabajoz firmado entre Espanha e Portugal para pôr fim a uma breve guerra de poucos meses o território das Missões passa a ser português. Não sem atraso. A paz

---

<sup>3</sup> Lembro que, apesar de esforços conjuntos das Coroas Ibéricas para efetivar a demarcação do tratado firmado em 1750 e de suas conseqüências militares no território platino, o dito acordo diplomático foi cancelado pela ascensão de governos contrários às cláusulas do Tratado de Madri. Cf OSÓRIO, 1990: 88-9. Ver também MAXWELL, 1996: 55.

na Europa fora firmada no mês de junho e, dois meses mais tarde, a notícia da declaração de guerra chegou ao Rio Grande de São Pedro. Com isso, uma campanha foi organizada contra os espanhóis na Região do Rio Uruguai e o território hoje conhecido como Sete Povos das Missões passou a fazer parte do Império Português e, junto com ele, foi conquistada mais de uma dezena de milhar de súditos do monarca português que poderiam auxiliar na manutenção daquela fronteira pelo simples fato de nela habitarem. Isso sem falar da tão conhecida Guerra da Cisplatina, ocorrida já durante o Império, quando a região da atual República Oriental do Uruguai, pertencente à Argentina, foi anexada pelo recém-criado Brasil de Dom Pedro I. Ou seja, as pelezas estão presentes no desenrolar do processo de conquista e povoamento do sul da América, seja hispânica, seja lusa, durante alguns séculos.

## **2. COMO FOI FEITA A DEMARCAÇÃO?**

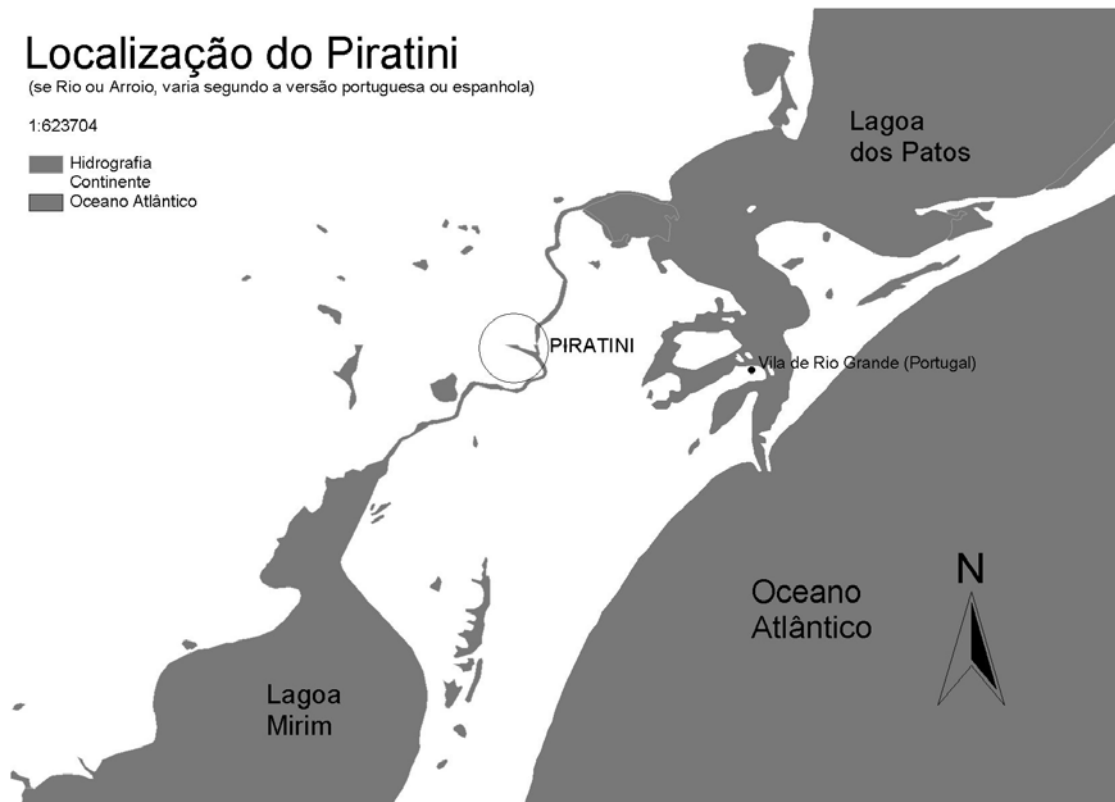
Os trabalhos de demarcação contavam com grandes equipes. Somente a equipe portuguesa mantinha cerca de duzentas pessoas empregadas, entre astrônomos, matemáticos, engenheiros, oficiais, soldados, canteiros e escravos, que trabalhavam diariamente, intercalando período de excessiva chuva ou outros problemas climáticos. A equipe espanhola era igualmente grande, porém, mais prestigiosa. Isso é visível na qualidade dos relatos feitos por ambas as partidas.

As equipes de demarcação eram chamadas de “partidas”, que percorriam as áreas de fronteira determinadas pelo Tratado em busca das referências legais para o estabelecimento de marcos físicos que, então, davam materialidade aos planos feitos entre as Coroas. Para tanto, eram necessários não apenas o amplo conhecimento das cláusulas contratuais, mas a medição exata dos locais pré-estabelecidos, o que pressupunha a localização de rios, arroios e outras feições geográficas.

Os espanhóis sempre acusaram os lusos de agir com displicência. Primeiramente, atizou a ira castelhana o fato de os portugueses nunca receberem os instrumentos astronômicos e de medição que teriam sido enviados de Lisboa, o que teria sido contornado pelo “empréstimo” espanhol de ferramentas. Em segundo lugar, foi igualmente motivo de polêmica, ao longo de anos, se o rio Piratini era ou não um arroio



(córrego). A resposta desta questão indicaria este curso como o marco de separação de um trecho da fronteira e daria fim às dúvidas naquele espaço. Aos lusos interessava adiar a decisão e foram bem sucedidos neste intento. O atraso na definição permitia, em paralelo, o avanço de súditos portugueses para além do Piratini, enquanto as coisas não se definiam.



### 3. QUEM FORAM OS PERSONAGENS?

Na década de 1780, a demarcação de limites no sul da América de possessão lusa e espanhola, com base no Tratado de Santo Idelfonso, estava a pleno vapor e foi nesse contexto que se passou a cena abaixo, descrita por Manuel José Diógenes de Moraes, alferes do Batalhão de Infantaria e Artilharia no Rio Grande de São Pedro, em uma devassa datada de 1787:

Que sabe ter matado o Sargento da Cavalaria Joaquim Rodrigues a sua mulher e ao cabo de esquadra do mesmo corpo José Moreira, e que fora voz constante que achando-se em casa do coronel [Rafael Pinto] Bandeira na mesma noite em que foram feitos estes assassínios, o capitão Alexandre Eloy Portela, e o Doutor Saldanha, entrara na mesma casa o dito sargento assassino e dizendo ao coronel que tinha de lhe dar uma notícia, se encaminhara este com o Sargento para um quarto

imediatamente, e pelos ditos capitão Portela e Doutor Saldanha foi ouvido comunicar o Sargento ao Coronel o que tinha acabado de executar. (Manuel José Diógenes de Moraes, alferes do Batalhão de Infantaria e Artilharia no Rio Grande de São Pedro. AN. Códice 104, vol. 09).

O Capitão Alexandre Eloy Portela e o Doutor Saldanha eram demarcadores de limites e hospedavam-se na casa do Coronel Rafael Pinto Bandeira nesta circunstância, provavelmente por estarem demarcando na região, que ficava nos limites da América Lusa e a fazenda do Coronel lhes franqueava alimentos às equipes de demarcação (CABRER, 1801; GIL, 2007). O ocorrido narrado pelo alferes Manuel José Diógenes de Moraes demonstra o quanto os demarcadores participaram da vida social da Vila de Rio Grande, sendo observadores peculiares daquela realidade por serem, ao mesmo tempo, estrangeiros e participantes daquela realidade. O capitão Portela, por exemplo, chegou a Rio Grande em 1783 em companhia de outros oficiais da equipe de demarcação para começar o trabalho de definição dos limites no ano seguinte. No ano em que se iniciou a demarcação, o capitão já tinha uma filha natural, Flora Maria Alexandrina (PORTO, 1943) e em 1793 com a insígnia de tenente-coronel, casou-se com Joaquina Marques de Azevedo, filha do também tenente-coronel Manuel Marques de Souza, comandante de fronteira e primo do Coronel Rafael Pinto Bandeira (GIL, 2007).

O Doutor Saldanha, outro dos presentes à cena narrada por Moraes, foi o demarcador português que mais escritos legou aos nossos dias. Saldanha chegou à Vila do Rio Grande em 1783, junto com Portela e os demais oficiais. Já casado em Portugal, adquire segundas núpcias no Rio Grande de São Pedro, com Ana Joaquina Tomásia, filha do alferes de Dragões Joaquim Tomaz de Andrade e Siqueira (PORTO, 1943). Formado em Filosofia, Matemática, Geografia e Astronomia pela Universidade de Coimbra, José de Saldanha integrou a Primeira Divisão Demarcadora da América Meridional – responsável pela demarcação do extremo sul – *em virtude do apreço especial que lhe consagrava o 2º comissário, desejoso de tê-lo junto a si.* (ANAIS DA BN, 51, 1929: 145)

O segundo comissário de demarcação, Francisco João Roscio, um dos demarcadores que deixou escritos, aparentemente, não estabeleceu relações familiares na região. Oriundo da Ilha da Madeira, o comissário chegou ao cargo de governador interino da capitania no início do século XIX, tendo falecido em 1805, em Porto Alegre (FREITAS, 1980) e é considerado o *mais capacitado engenheiro português da época*

(PEIXOTO, 2008: 3). A principal obra deste autor, em minha opinião, é a pouco conhecida coleção de *Mappas Particulares estrahidos da Carta da Capt. do Rio Grande de São Pedro e Circunvizinhanças athé o Rº da Prata* onde elaborou cartas geográficas belíssimas, detalhadas e bastante técnicas, em um período em que essa tarefa não era nada fácil, aproximando-se tanto das artes quanto das ciências (BN, Manuscritos, 055, 04, 035). O interesse em melhorar o conhecimento e acesso ao Novo Mundo, através da correção da geografia do globo terrestre e de mapas das áreas litorâneas era, sem sombra de dúvidas, um dos principais incentivos às viagens pelas terras da América no período (DOMINGUES, 2008: 136). Roscio o fez com grande esmero. O atlas, composto por onze mapas, ainda carece de estudos, entretanto posso afirmar, de forma preliminar, que sua riqueza artística e sua correção geográfica são dignas de nota.

A partida espanhola era composta por homens de muito prestígio, o que pode ser percebido tanto pelo “currículo” dos demarcadores enviados, mas também pelo fato de os súditos dos Reis Católicos terem produzido mais relatos. A qualidade destes também é um fato a ser considerado. Os escritos mais bem acabados são aqueles feitos por Félix de Azara, que escreveu textos que, além de descrições detalhadas, trazem comentários e propostas de projetos viáveis. Entre os demarcadores lusos, pode-se destacar o Diário Resumido de José de Saldanha, onde há ricas observações ainda que sua dedicação maior seja à descrição da paisagem e ao estabelecimento das coordenadas geográficas exatas.

Não se pode esquecer que, nesse período, os viajantes, fossem eles enviados pelos nascentes Estados para avaliar suas possessões no ultramar – como era o caso daqueles que aqui se analisa -, ou independentes, já não eram simples corsários, uma vez que *os viajantes do período iluminista consideravam-se súbditos leais, socialmente responsáveis, executando uma missão (política, comercial, científica) sob o estandarte de uma nacionalidade e de um Estado, que lhes conferia um sentimento de identidade e superioridade* (DOMINGUES, 2008: 137). Alunos de renomadas instituições de ensino, sobretudo os espanhóis, os demarcadores, como bons súditos de seus reis, desenvolveram suas tarefas com seriedade e a certeza de prestar um serviço à sua majestade.

O “currículo” dos demarcadores, conforme escrevi acima, pode soar um anacronismo ao leitor, entretanto, as monarquias ibéricas preocuparam-se em enviar

para suas colônias homens de boa formação. É bem verdade que entre os espanhóis, a preparação técnica e o nível de detalhamento de seus escritos é superior que entre os portugueses. Isso está ligado à *situação de penúria extrema da cartografia portuguesa no século XVIII, que carecia de meios, pessoal e mesmo de obras: a própria cobertura topográfica e cartográfica de Portugal era extremamente reduzida se comparada a de outros países* (PEIXOTO, 2008, p. 3), mesmo a despeito de todo esforço empreendido pela Coroa a partir de 1720 (ALMEIDA, 2001: cap. 3).

Ainda assim, a Coroa Portuguesa, e também a Espanhola, empenhou-se em enviar para o Novo Mundo, homens cujos trabalhos e relatos fossem confiáveis. E nada melhor que o ver com os próprios olhos e experimentar na própria pele para conferir veracidade e credibilidade aos relatos. Vale lembrar, também, que, como aponta Ângela Domingues, *Outra garantia de fiabilidade era também a bagagem intelectual do viajante: a sua formação, preparação/treino, conhecimentos científicos e linguísticos, quando era o caso disso* (DOMINGUES, 2008: 135). Os demarcadores portugueses, por exemplo, são descritos por Aurélio Porto como *ótimos elementos pelo caráter e pela cultura que se integram à família riograndense, constituindo troncos notáveis de estirpes que se assinalam por serviços valiosos na paz e na guerra*. (ANAIS DA BN, 51, 1929: 162)

A “Partida” espanhola mais bem documentada foi a comissariada por Dom Diego de Alvear. Além de Alvear, o engenheiro do grupo, José Maria Cabrer, e o piloto, Andrés de Oyarvide, deixaram diários minuciosos dos trabalhos. Alvear era membro de da fidalguia espanhola de Montilla (WINDLER, 1997) e formado pelo *Real Colegio de Guardias Marinas*, onde eram admitidos apenas nobres. Em 1777, embarcou com Ceballos para o sul da América e, ao ser instituída a demarcação de limites, foi nomeado comissário junto com Varela y Ulloa e Azara.

José Maria Cabrer e Andrés de Oyarvide, membros da equipe liderada por Alvear, também deixaram relatos. Cabrer nascera em Barcelona em 1761 e foi destacado para os trabalhos de demarcação, chegando a Buenos Aires em 1781. Em 1783, foi juntamente com Alvear para a fronteira do Chuí, onde trabalhou por um bom tempo, deixando seu relato. Cabrer foi casou-se no Rio da Prata e trabalhou no Departamento Topográfico em Buenos Aires, cidade onde faleceu em 1836.

Andrés de Oyarvide nasceu em Guipúzcoa já no século XVIII. Formou-se pela Real Armada em 1771, como piloto. Veio para a América com a expedição de Ceballos em 1776. O Diário de Oyarvide é bastante detalhado e este, assim como Azara, voltou para a Espanha após os trabalhos de demarcação.

Entretanto, é o trabalho de Félix de Azara, comandante da comissão de limites da Seção do Paraguai, que mais surpreende. Não poderia ser diferente. Azara era filho de uma destacada família aragonesa. Licenciado pelas Universidades de Huesca e Barcelona, nas áreas de armas e engenharia foi enviado à América do Sul pelo rei Carlos III em 1781 para, com os portugueses, delimitar os territórios hispano-portugueses no subcontinente.

Dada a demora para o envio de profissionais habilitados para o trabalho na demarcação pela Coroa Portuguesa, que pode ter sido proposital ou não<sup>4</sup> – uma vez que a falta de astrónomos e geógrafos no reino luso fez com que as demarcações do Tratado de Santo Ildefonso atrasassem até dez anos (PEIXOTO, 2008: 4) – dedicou-se a escrever sobre os recursos, geografia, fauna, flora e hábitos humanos sul-americanos. Com esse trabalho, tornou-se o primeiro cientista da modernidade a descrever o Paraguai. Seus escritos obrigaram, de certa forma, a ciência europeia da época a rever muitas de suas teses como as de Buffon, além de ser citado por Charles Darwin em seus escritos<sup>5</sup>.

Os ilustrados que participaram da demarcação do Tratado de Santo Ildefonso, tanto hispânicos quanto lusos, estavam, como homens de seu tempo, preocupados diretamente com temas considerados relevantes na época. Saldanha, Cabrer e Alvear, por exemplo, citam a obra de Lineu para analisar o que observam (GIL, 2007). Saldanha esforça-se para aplicar a taxonomia daquele autor, inclusive ao tratar dos indígenas, como veremos

---

<sup>4</sup> Conforme Vicente Aguilar y Jurado e Francisco Requena, em sua *Historia de las Demarcaciones de Límites en la América entre los dominios de Portugal y España*, a falta de cumplimiento de los tratados de límites celebrados entre ambas coronas desde El tiempo de la conquista, ha sido siempre tan ventajosa à la de Portugal, como perjudicial á la de España... Por tanto no es de estrañar que siguiendo el próprio sistema, hayan procurado impedir la demarcacion acordada em el tratado del año de 1777, y adejando de concurrir sus Comisarios con los Españoles em diferentes parajes segun se há referido, y ya suscitando disputas con tan poco ó ningun fundamento... (AGUILAR Y JURADO; REQUENA, 1846: 20).

<sup>5</sup> Em um de seus manuscritos, por exemplo, Darwin escreve: *The distinguished naturalist Don Felix Azara says they are so difficult to be obtained that he never saw more than one. He states that they lay up magazines of food within the burrows.* Extraído de: Charles Darwin's Beagle animal notes (1832-33). CUL-DAR 29.1.A1-A49. Transcribed by Richard Keynes (Darwin Online, <http://darwin-online.org.uk/>). Consultado em 23 de novembro de 2008.

adiante. Isso está de acordo com aquilo que Ângela Domingues afirma sobre os viajantes ingleses do Iluminismo. Segundo Domingues, *a formação, informação e interesse dos viajantes determinaram o que estes viram e o que lhes interessava, condicionando ainda a forma como descreveram ou representaram esses conhecimentos* (DOMINGUES, 2008: 136).

#### 4. COMO SÃO OS RELATOS?

Neste trabalho, concentraremos nossa análise em duas obras que, de certa maneira, representam bem o estilo de texto produzido pelos demarcadores ibéricos no sul da América ao final do século XVIII. O trabalho de Félix de Azara denominado *Viajes por la América del Sur por Don Félix de Azara desde 1789 hasta 1801*, publicado na França em 1809, surpreende por sua característica literária, humanística e, até mesmo antropológica. Em *Viajes*, o escritor aragonês detém-se ao longo de um capítulo em descrever, de maneira que se aproxima dos relatos etnográficos atuais, os *Indios salvajes* da América do Sul. Diz Azara:

como el hombre es el asunto principal, y la parte más interesante de la descripción de un país, espondré algunas observaciones sobre un gran número de naciones de indios libres ò salvajes; que no están sujetos ni jamas lo han estado, al Império Español. (AZARA, 1846: 138)

Para tanto, o autor conta a história de cada uma das nações indígenas com quem conviveu ou de quem teve informações ao longo de suas andanças. Preocupa-se, além disso, em respeitar a própria atribuição identitária dos sujeitos:

llamaré de Nacion toda reunion de indios, que se consideran ellos mismos, que forman una misma y sola Nacion, que tienen el mismo ingenio é inteligencia, las mismas formas, las mismas costumbres, y la mesma lengua. Poco me importará que ella se componga de muchos ò pocos individuos, porque el número no constituye carácter nacional. (AZARA, 1846: 139)

Félix de Azara preocupa-se, ao longo de seus escritos, em afirmar o método e em organizar cuidadosamente as informações obtidas. Percebe-se isso através de sua reflexão sobre o trabalho do “cientista” para dar credibilidade e veracidade às suas análises: *...o haver feito de tudo um mapa; o haver lido todas as histórias impressas e manuscritas do país, como igualmente multidão de papéis antigos e modernos; inspiraram-me a resolução de escrever uma história e descrição críticas do Paraguay e*

*Rio da Prata* (AZARA, 1847:). Isso nos remete, uma vez mais, àquilo que Domingues apontou sobre os cronistas ingleses que visitaram o território brasileiro no Setecentos: estar preparado e treinado, além de dominar o conhecimento já produzido sobre a área relatada garante aos viajantes confiança de seus leitores. A autora destaca, no caso dos britânicos e o quanto existiam “*redes de informação e conhecimento*” na Europa e o quanto as publicações de relatos, bem como de representações iconográficas e cartográficas eram utilizadas como subsídio para os trabalhos desenvolvidos em solo americano (DOMINGUES, 2008: 143).

É nesse contexto de reunir informações de outros ilustrados ou viajantes que passaram pela mesma região que Azara faz uma dura crítica aos relatos já feitos sobre indígenas, sem citá-los: *No me estenderé mucho, para no fastidiar, ni parecerme á los que por haber visto una media docena de indios en la costa, hacen una descripcion acaso mas complea, que las que podrian hacer de ellos mismos.* E completa, garantindo a fiabilidade de seu relato a partir da afirmação de que o que narra são fatos, não conjecturas: *Agréguese a esto, que yo no gusto de conjeturas, sino de hechos; y el que ni tengo la instruccion, ni el talento que otros.* (AZARA, 1846: 138; grifo meu)

Ao contrário, o *Diário Resumido do Dr. José de Saldanha*, publicado em 1929 nos Anais da Biblioteca Nacional (51: 137-301) apresenta uma linguagem técnica, que ambiciona a descrição objetiva da realidade, manifesta especialmente através de coordenadas geográficas, que abundam no texto. Dia a dia, Saldanha escreve de forma sucinta os avistamentos de sua partida de demarcação, sempre associando latitudes e longitudes.

Sexta feira 23 de Fevereiro de 1787

No qual em execução dellas demos principio a marcha pela estrada geral do Albardão grande, e que vae de Santa Tecla para Mbatovi (I). e fomos acampar nas Cabeceiras do 1º galho do Ybicui-guasú, junto de huns Capoens (\*), de mato, chamados pelos Indios Caabusu que quer também dizer Mato Grande.

Rumo geral verdadeiro ..... Noroeste 44°

em direitura ..... 1.1. 2, m. 55

distancias

pelo caminho ..... 2. 0, 0.

A economia de palavras de Saldanha só é abandonada nas notas de rodapé de seu texto, quando, ainda ambicionando a objetividade como bom herdeiro da revolução científica da modernidade, dá vazão para algumas análises que deixam o leitor entrever seus julgamentos. Entretanto, a utilização das notas de rodapé já denota a ambição de

fazer Ciência, uma vez que esse artifício é uma das marcas da narrativa científica moderna. Percebe-se isso, especialmente, na já referida nota “g” de seu diário, quando faz uma espécie de antropologia que varia entre a física e a social, ao classificar os indígenas minuanos na taxonomia de Lineu, mas deixar de descrever aspectos culturais e da personalidade dos minuanos.

Os trabalhos de Azara e Saldanha encontram-se em dois extremos da época. Os demais relatos de demarcadores, como Cabrer, Oyarvide e Francisco João Roscio, apresentam matizes de ambos os estilos. José María Cabrer pode ser considerado o meio termo ideal entre Azara e Saldanha. Em seu relato de demarcação, Cabrer alterna o discurso técnico com uma espécie de etnografia. Entretanto, não se interessa pelos indígenas como objeto de estudo. Suas apreciações centram-se sobre outros personagens: os próprios ibéricos, que analisa através de uma antropologia de suas relações, comparando exaustivamente lusos e espanhóis.

Los gefes portugueses seguidos de un lucido acompañamiento de oficialidad, montados todos con la mayor desencia nos prebinieron en la atención de visitarnos, y a la tarde correspondimos à su hurbanidad, quedando con este terminadas las visitas de pura serimonia. Faltaríamos al tema de nuestro Diario que dice, como se ha visto al principio, **'Presentar la verdad como ella es en sí, y no vender la pluma à la adulacion'** & es pues inegable que en este primer paso se incurrió por los españoles en la mayor groseria y falta de hurvanidad: a los ojos se viene que nosotros deviamos estar todos prontos y montados con la mejor desencia, mandando un Dragon à larga distancia, para que así que biese a los portugueses viniera a toda la diligencia a avisarnos, e inmediatamente los gefes españoles con toda su oficialidad salir a recibirlos , dejarlos en el campo que se les demarcó y aun combidarlos a comer la zopa: mas no es esta la unica desatención que usamos con los portugueses en el tiempo que duro la demarcación. (CABRER, 1801: 84, grifo meu)

Mais uma vez, fica clara a ligação, desta vez de Cabrer, entre os escritos dos demarcadores e o ideal da objetividade, da verdade e da fiabilidade dos estudiosos do Século das Luzes no trecho destacado em negrito acima. É visível também, o quanto o Cabrer, ao longo da demarcação, preocupa-se mais em definir os limites entre os povos ibéricos na Europa que os limites territoriais daqueles reinos na América. O comportamento de portugueses e espanhóis ao longo da demarcação é sempre objeto de questionamento, o que não ocorre em relação ao possível estranhamento de Cabrer com os nativos. Acerca destes, pouco se importa em especificar suas identidades (minuano, guarani, charrua, etc) tal como faz Azara; do que se pode depreender seu sentimento de superioridade, comum aos europeus da época (DOMINGUES, 2008). Em relação à América, este viajante interessa-se mais pela descrição dos animais e da paisagem que



pelos seus habitantes, relegando a eles apenas a sua participação no cenário da demarcação e tem predileção pela descrição das povoações.

Andrés de Oyarvide, em seus escritos, demonstra uma aguda observação da natureza e o seu assombro diante da grandeza e diversidade do território latino-americano. Como fiel súdito de Sua Majestade Católica, Oyarvide foi, de todos, o mais preocupado com as irregularidades administrativas e fiscais a que assistiu, tais como contrabando e a morosidade portuguesa na demarcação de limites. Identificou cabeças, capatazes e peões, compreendendo com muita perspicácia como funcionava o contrabando na fronteira (CONI, 1942).

O Segundo Comissário da Primeira Divisão Demarcadora da América Meridional, Francisco João Roscio, conforme dito antes, um dos mais brilhantes engenheiros portugueses da época, deixou seu *Compêndio noticioso do Rio Grande de São Pedro até o distrito do governo de Santa Catarina, extraído dos diários, observações, e notícias, que alcançou nas jornadas que fez ao dito continente nos anos de 1774 e 1775*. Nesta obra, descreve o território da capitania meridional da colônia de forma detalhada, atentando para sua geografia e para alguns aspectos agrários e dos costumes da população. Não deixa de alertar Sua Majestade Fidelíssima sobre os interesses dos castelhanos no território, de maneira que sua descrição corográfica serve a interesses militares de defesa da região (BN, Manuscritos, 09,2,003).

Ao tratar da região denominada Campos de Cima da Serra, escreve que *seus pinhões são saborosos e grandes como castanhas ou bolotas. Servem a muitos da pobre gente em lugar de pão*. E segue, descrevendo a riqueza daquele solo: *Os frutos tanto da Europa como da América produzem bem neste Continente. Com qualquer trabalho recolhem boas searas e bastante legumes*. E por fim descreve como vivem os habitantes daquele território: *é bastante rústico e agreste. As casas são umas pobres cabanas sem cômodos nem agasalhos. Em muitas delas serve de porta um couro cru de boi pendurado como cortina*.

Em outro de seus trabalhos, os *Mappas Particulares estrahidos da Carta da Capt. do Rio Grande de São Pedro e Circunvizinhanças até o Rº da Prata*, anteriormente citados, Roscio cartografa o conesul, a partir de suas observações *adicionada nos lugares aonde não chegou na forma dos melhores e mais exactos Planos, e noticias*

*athé agora conhecidas* (BN, Manuscritos, 055, 04, 035), dominando as técnicas básicas do desenho e o manejo dos instrumentos de precisão com muito apuro. Ademais, utiliza-se de outras fontes que lhe estavam disponíveis, para confeccionar seus mapas, algo comum na época, uma vez que *dados considerados interessantes, pela sua novidade e escassez de informação, que não tinham sido vistos nem observados, mas ouvidos de testemunhas fiáveis, eram incorporados nos textos impressos* (DOMINGUES, 2008: 146). O mesmo faz, Félix de Azara em seu *Correspondencia oficial e inédita sobre la demarcacion de limites entre el Paraguay y el Brasil* ao descrever de onde extraía as informações que utiliza para definir os limites do território em questão: *según las noticias que he tomado de los indios Payaguás, de tres caciques Mbayás, de algunos españoles y de un diario del jesuita Sánchez* (AZARA, 1836: 5).

## 5. FIGURA DO INDÍGENA

O contato entre ibéricos e grupos indígenas dos mais variados já ocorria no sul da América desde o início da ocupação da área, tendo se acelerado havia mais de um século, com os vicentinos, quando da chegada dos demarcadores. Entretanto, se num primeiro momento isso pode nos fazer imaginar que o conhecimento acumulado no contato entre europeus e nativos ao longo do XVIII pode ter dirimido as fronteiras entre os demarcadores e aqueles, isso seria um equívoco. Talvez por serem homens de ciência, quem sabe por serem da península, ou mais especificamente das cortes, ou simplesmente por serem filhos de uma época em que a Europa deslanchava como centro hegemônico, as relações entre os que aqui já viviam há gerações não minimizou o estranhamento dos recém-desembarcados. O *know-how* dos súditos americanos não chegava à Europa e pouco serviu para criar um sentimento de alteridade entre os peninsulares ilustrados e os povos indígenas. Félix de Azara, por exemplo, ao referir-se aos charruas, escreve:

Ellos tienen muchos piojos, que las mujeres espulgan ó buscan con placer, para proporcionarse el placer de tenerlos por algun tiempo en la punta de la lengua, y en seguida mascarlos y comérselos. Esta costumbre repugnante está jeneralmente establecida entre todas las indias; y aun entre las mulatas y mujeres pobres del Paraguay: lo mismo hacen con las pulgas.

Não seria preciso muito para encontrar práticas igualmente *repugnantes* na Europa da época (CIPOLLA, 1992). Marcar a fronteira entre as índias, mulatas e mulheres

pobres do Paraguay em relação às peninsulares era fundamental para um nobre espanhol, uma vez que a administração espanhola sempre preocupou-se – muito mais que a portuguesa – em estabelecer as fronteiras “raciais” na colônia. Os estatutos de limpeza de sangue na Espanha previam a separação de grupos por nascimento e ascendência e, em pleno século XVIII, casamentos mistos eram recriminados pelos Reis Católicos

“teniendo presente que los mismos o mayores perjudiciales efectos se causan de este abuso en mis Reinos y Dominios de las Indias por su extensión, diversidad de clases y castas de sus habitantes” y “los gravísimos prejuicios que se han experimentado en la absoluta y desarreglada libertad con que se contraen los esponsales por los apasionados e incapaces jóvenes de uno y outro sexo” (STOLCKE, 1992: 37).

Algo um tanto distinto da América Portuguesa, onde os casamentos mistos entre lusos e seus descendentes com indígenas fora aceito desde o princípio e, no mesmo século em que se penalizava o casamento misto na América Hispânica, o governo pombalino incentivava e premiava através de seu *Diretório dos Índios* as uniões com nativos.

Ao longo de seu capítulo sobre os *Indios Salvajes*, em seu *Viajes por la América...*, Azara deixa claro ao leitor seu método. Destaca-se a observação direta como principal método de trabalho. Através de expressões como *cuando yo viajaba por dicho pais para conocerlo, yo lo he visto, no he visto, yo no he notado* garantem a fiabilidade e veracidade do relato pelo fato de “ter visto com os próprios olhos”. Nos casos em que não foi possível ao demarcador aragonês “ver”, ele se utiliza de informantes, os quais não nomeia no texto. São expressões como *nunca he oído decir, los informes que he podido adquirir a este respecto se reducen a lo siguiente*, ou ainda os caciques Mbayas que lhe servem de informantes em sua *Correspondencia oficial e inedita sobre la demarcacion de limites entre el Paraguay y el Brasil*. Além disso, a consulta a estudos anteriores e a “papéis velhos”, garantem o estatuto científico a seu estudo através de sentenças como *todo lo que he podido saber de ellos en los antiguos manuscritos es que, de acuerdo com algunos documentos antiguos*.

Através da observação, de informantes confiáveis – aos olhos de Azara – e de documentos e outros escritos, o autor discorre sobre diferentes nações indígenas. Conta sua história desde a conquista e seus costumes. Para tanto, utiliza uma série de adjetivos para qualificá-los. Ao descrever os charruas diz que

La estatura mediana de estos salvajes, me parece sobrepasar de una pulgada **la de los españoles...** Ellos tienen la cabeza derecha, la frente y la fisionomía abierta: señales de **su orgullo**, y aun de su **ferocidad...** ellos tienen, sin disputa, la vista doblemente más larga, y **mejor que la de los europeos**. También tienen el oído **superior al nuestro...** las manos y pies son más pequeños y mejor hechos **que en Europa**; y los pechos de sus mujeres me parecen ser menos considerables **que los de otras naciones de indios**. (AZARA, 1846: 140; grifo meu)

Azara faz uso da comparação para apresentar as informações ao seu leitor do Velho Mundo. Por isso, os “gabaritos” que utiliza são *los europeos, el nuestro, los españoles*, ou seja, formas métricas tangíveis àqueles a quem escreve. Os adjetivos que emprega auxiliaram a construir a fama de selvagens e belicosos dos charruas: orgulhosos e ferozes, como se fossem animais selvagens. E segue o mesmo estilo textual, ao tratar do modo como os charruas faziam a guerra, escrevendo que *Felizmente ellos se contentan con una sola victoria, como el Yaguareté, y no piensan en aprovechar la ventaja conseguida* (AZARA, 1846: 143; grifo meu). Utilizar adjetivos comumente empregados para a qualificação de animais pode ser entendido como um símbolo da superioridade daquele que escreve sobre aqueles a que descreve. Comparar diretamente os charruas com a onça – um típico felino sul-americano – é um recurso discursivo que os insere em seu habitat, que os animaliza e que garante aos europeus a certeza de sua civilidade. A animalização pode ser entendida como uma simples figura de linguagem, entretanto, na época em que Azara a utiliza o nascente naturalismo científico começa a pensar o homem como um ser instintivo e, quanto menos evoluído, mais é condicionado pelo meio.

O recurso à comparação com os espanhóis e mesmo com outros indígenas é feito por Azara ao tratar de outros grupos indígenas. Sobre os minuanos escreve:

Los Minuanes son hoy menos numerosos que los Charruas... la estatura de ellos es semejante á la de los españoles: ademas, sus mujeres, me parece, que tienen los pechos mas abultados; su cuerpo es menos carnudo, su aspecto mas triste y sombrío, com menos muestras de inteligencia: su carácter es menos activo y orgulloso... (AZARA, 1846: 147; grifo meu)

E sobre os guaranis faz a apreciação abaixo, onde utiliza-se de recursos discursivos semelhantes àqueles que emprega em outros momentos:

La estatura media de esta nacion, me parece dos pulgadas mas baja **que la de la nacion española**; por consiguiente, es muy inferior à la de los pueblos que hemos descripto antes. Ellos tienen tambien la apariencia de ser em proporcion mas cuadrados, mas carnudos y mas feos; su color es menos obscuro y tiene algo de rojo: las mujeres tienen las manos y pechos pequeños, y mestruan muy poco. Los hombres tienen á veces um poco de barba, y algun vello em el cuerpo; pero em esto

no llegan ni con mucho, á los europeus. **Un hombre que habia vivido largo tiempo entre los Guaranis cristianos, me aseguró**, que él habia observado em los Cementerios, que los huesos de estos indios se convertian en tierra mucho mas pronto **que los de españoles**. En los ojos, ellos **se parecen á los otros indios**, lo mismo que en la vista, oídos, dientes y pelo. Ellos tienen outra singularidad, que es comum á todas las demas naciones: tal es que las partes distintivas del sexo en los hombres, son siempre de un tamaño mediano; y al contrario en las mujeres, cuyas caderas son igualmente muy anchas. La fecundidad de esta nacion **no es igual á la nuestra**: pues habiendo examinado una multitud de listas ó padrones de pueblos antiguos y modernos, no he hallado mas que un solo indio padre de diez hijos; el termino medio que resulta es de cuatro individuos por familia, una con otra. El número de mujeres es siempre mayor que el de los hombres, en la proporcion de 14 á 13.

La fisionomia de ellos es sombría, triste, y abatida: ellos hablan poco y siempre bajo, sin gritar ni quejarse: su voz jamas es gruesa ni sonora: nunca rien á carcajadas; **jamás se les nota en la cara la expresion de pasion alguna**. Ellos son **muy sucios; no reconocen divinidad, ni recompensas, ni leyes, ni castigos, ni obligaciones, y jamás miran á la cara de la persona con quien hablan**. Em sus casamientos y amores, se nota mayor frialdad aun, que en los descriptos anteriormente. La union de sexos no es precedida ni seguida de preparativo no demostracion alguna. Ellos no conocen los zelos: nada lo demuestra mejor que la franqueza y placer con que abandonaron sus hijas y mujeres á los conquistadores; y aun em el día hacen lo mismo, aunque convertidos al Cristianismo. Las mujeres se casan muy temprano; comunmente á los diez ó doce años; los hombres un poco mas tarde, y desde este momento forman una familia separada. Aunque **yo no haya encontrado en los manuscritos antiguos** indicio alguno de música ni baile entre los Guaranis; no obstante, he observado lo contrario em uno de estos indios que pertence á los que son todavia libres. (AZARA, 1846: 154-5; grifo meu)

Mais uma vez, Azara utiliza-se da comparação, especialmente com os espanhóis, para aclarar o leitor, como se esta fosse uma medida imparcial e científica. Há dois momentos em que deixa transparecer sua impressão acerca da inferioridade indígena: quando compara a degradação dos ossos de europeus e nativos e ao argumentar que os guaranis expressam em seus rostos suas paixões, são sujos e sem governo. A degradação dos ossos parece ser uma forma poética de afirmar que os guaranis são menos evoluídos que os europeus. Sua maior proximidade com os homens primitivos faria com que seus corpos voltassem mais rápido à sua condição original. O caráter animal deste grupo indígena é novamente ressaltado ao apontar a falta de expressão facial e sua frieza em relação ao casamento e ao amor. A prova dos nove é dada na seqüência, quando observa que vivem sem governo e jamais olham nos olhos. A falta de asseio fecha a conta.

Ao longo do trecho acima, novamente Azara dá indícios de seu método e de sua preocupação científica, destacando a informação de alguém que *viveu longo tempo entre os guaranis cristianizado*. Além disso, utiliza o recurso à autoridade de manuscritos antigos para tornar fiável seu texto.

A descrição de Félix de Azara, há de se dizer, está entre as mais ricas dentre os demarcadores. Uma espécie de predecessor da etnografia moderna – claro que carregada dos preconceitos de sua época -, o engenheiro, astrônomo e naturalista espanhol observa vários aspectos das nações referidas: variações lingüísticas, morfologia corporal, habilidades, indumentária, crenças, costumes, hábitos alimentares, sistemas de parentesco, forma de fazer a guerra, entre outros. Todavia, não escapa ao texto certa dose de fantástico, algo que certamente herdou dos cronistas e viajantes da conquista.



Um estilo bem diferente é aquele impresso por José de Saldanha. Matemático, geógrafo e astrônomo de formação, seus estudos de Filosofia não garantiram a ela a sensibilidade humanística expressada por Azara em seus escritos.

A passagem que segue foi retirada do corpo do texto de Saldanha e relata o encontro do demarcador com sepulturas dos índios Tape ou Minuano.

O ultimo ponto, ou Estação a que chegamos nesta indagação na margem Occidental do mesmo Arroyo, e duas milhas e meia acima da sua Barra, está o cume de hum Monte, ou Serra perfeitamte. redondo, e bastante alto, em figura de Pyramide obtuza sobre o qual encontramos os signaes de ter ali sido sepultura dos Indios Tapes, ou Minuanos . (ANAIS DA BN, 51, 1929: 183)

Para descrever a sepultura dos índios minuanos ou tapes, Saldanha se alonga mais que Azara em relação aos restos mortais guaranis e busca nas ciências naturais a explicação para a rápida decomposição de seus corpos. Após encontrar o local indicado a ele como de uma sepultura indígena, Saldanha explica ao leitor, em uma nota de rodapé que tais sepulturas são identificadas por um monte de pedras brancas, as quais seriam colocadas sobre os corpos pelos tapes ou minuanos. Sua opinião diverge daquela de Azara:

Eu examinando o terreno inferior a estas pedras jamais encontrei os ossos ou fragmentos delles, e só sim grande quantidade de Formigas, Aranhas, Lacrayas, e Scarabeus, ou Carochas; isto que prova a forte podridão, ou fermentação putidra, que experimentou aquella paragem não me admirando por isso de senão toparem os ossos; por quanto não sendo costume entre os Indios segundo o dizem naquelle tempo enterrarem os corpos, e só sim o cobrirem-nos com estas pedras He bem de inferir que obra acção do tempo, e ar sobre os ossos atacando-os, e rezolvendo-os a terra calcarea. (ANAIS DA BN, 51, 1929: 183)

Saldanha explica o desaparecimento de restos humanos de uma forma mais técnica, usaria dizer, mais científica, para os padrões da época. Ele não atribui a uma hipotética diferença física entre europeus e americanos a razão da rápida degradação dos ossos dos nativos. Certo é que ninguém lhe deu essa informação, como teria ocorrido com Félix de Azara, entretanto, este abriu mão de duas opções: a primeira foi não questionar seu informante e a segunda foi encontrar a resposta na imaginada – ou esperada – diferença biológica entre indígenas e espanhóis.

Análises como esta descrita acima, não são a regra no diário de José de Saldanha, que o concebeu assim: a cada dia, novas coordenadas geográficas eram dadas e o terreno descrito, uma prática comum entre os demarcadores portugueses. Nas notas de rodapé dos textos de Saldanha, por sua vez, encontramos reflexões e informações mais detalhadas, que dão conta de discutir com cânones da ciência da época. Ao tratar dos indígenas americanos, cita a obra de Lineu para discutir e dialogar com ele. O recurso de autoridade vai além, citando também Buffon.

Tradução de Linneu sobre a variedade – Americano:  
América 1a de cor ruiva – parda, colérico, e direito de corpo.  
Os cabelos negros, direitos e grossos.  
Os Narizes patentes. (como inchados).  
As Maças do rosto efelíticas (altas como entumescidas).  
A barba somente no extremo, e no Beiço superior, é que tem alguns cabelos;  
Pertinaz, contente e leve.  
Pinta-se com umas Listras vermelhas da largura de um dedo.  
Se reve pelo costume.” (ANAIS DA BN, 51, 1929: 231)

Segundo o demarcador português, assim como *o grande Linneu* subdividira a espécie humana em categorias, ele também o faria com a variedade do homem americano. Impossibilitado de estudar todos os grupos nativos da América, como gostaria, opta por estudar apenas três divisões. Curiosamente, o critério de divisão dele é igual ao de Azara ao aceitar a auto-atribuição como elemento central. Patagões, Pampas, Tapes e Minuanos são os grupos indígenas com quem ele diz ter tido contato. Sobre os três primeiros, pouco escreve. Define qual seu território e algumas características físicas de forma muito breve.

Sobre os minuanos, discorre largamente. Mas para isso há um bom motivo: em suas andanças demarcatórias, chegou à toleria de Don Miguel Caray, sogro de Rafael Pinto Bandeira, anfitrião de Saldanha, conforme escrito no início deste texto (ANAIS DA BN, 51, 1929: 235). Chamaram sua atenção as práticas parentais minuanas: *São cazados com varias mulheres, em o numero de duas até cinco, ás mais velhas vão desprezando, e só trazem consigo nas avulsas jornadas as mais mossas*. A poligamia minuana também foi ressaltada por Azara que, ao diferenciar Charruas e Minuanos, afirma que estes fazem uso do divórcio e da poligamia.

Azara e Saldanha concordam no estranhamento que tem em relação ao sistema de parentesco minuano. As semelhanças param por aí. Ambos vão reproduzir, em suas avaliações, os posicionamentos políticos de seus reinos na região: portugueses aliados dos minuanos e espanhóis inimigos, eventuais aliados dos guaranis. Azara afirma o tempo todo que os minuanos assassinaram a Juan de Garay e uniram-se aos sempre irreduzíveis charruas *quando estes migraram ao norte e, por muito tempo, atacaram juntos a Montevideo*. Quando da tentativa dos Reis Católicos, através dos inacianos, de submeter aqueles, *la mayor parte de los índios volvieron á su antigua vida; y no quedó sino un número muy pequeño, que se reuniò al pueblo de los Guaranis, nombrado San Borja*. (AZARA, 1846: 146)

Saldanha discorda diametralmente. Para ele, os minuanos *não são tão cruéis como os Indios Tapes não consta que os Minuanos jamais matassem a algum Portuguez, ou Hespanhol, posto q. o encontrassem só, ou perdidos pela Campanha, como costumão varias vezes fazer os Guaranis* (ANAIS DA BN, 51, 1929: 236). Saldanha toma partido dos minuanos:



Vivem os Minuanos em hum estado propriamente Livre, entre os Hespanhoes, e Portuguezes: áquelles se queixão destes e a estes daquelles, principalmente quando dão com pessoas de inferior qualidade que lhe gostão de ouvir estes errados sofismas. Comtudo ou pelas dádivas que com mais franqueza encontrão nos Portuguezes ou por outra qualquer cauza pende mais a sua inclinação para esta Nação. (ANAIS DA BN, 51, 1929: 236)

É certo que a *inclinação* dos minuanos em relação aos portugueses influenciou a opinião de Saldanha. Aquela, como vimos anteriormente, vem de longa data. A amizade e lealdade de Pinto Bandeira e Miguel Caray remontava ao bisavô daquele. E certamente a temporada na estância de Pinto Bandeira não foi inócua para Saldanha e garantiu a ele muito mais acesso aos minuanos que a outras nações indígenas, o que se reflete tanto em seu olhar terno, quanto na quantidade de linhas que dedica em seu texto àqueles. Não era a toa que em referência aos minuanos dizia que:

Agradavel e veloz é a sua Linguagem, muito diferente da dos Tapes, e bem semelhante e talvez identica a dos Indios da America Septentrional os quaes se asemelhão bástante nas feiçõens. Quem sabe se elles são os mesmos? Quem sabe é esta pequena porção de Minuanos, que hoje habitão as Terras Austraes do Brazil, de lá trouxe a origem? (ANAIS DA BN, 51, 1929: 236)

Agradável e veloz eram adjetivos que Saldanha utilizava para caracterizar a linguagem. Em outra passagem fala dos infelizes índios que foram pegos sob a acusação de espiões. Eram construções retóricas utilizadas por Saldanha, para, em meio a um texto pretensamente objetivo de descrição topográfica, repleto de coordenadas geográficas minuciosamente anotadas, conciliar ao leitor sua visão de mundo.

## CONCLUSÃO

A polêmica envolvendo os minuanos mostra que a grande fronteira para Félix de Azara e José de Saldanha ainda é a que separa portugueses e espanhóis. Mas não somente os limites coloniais também, e com grande força, o estranhamento entre súditos das monarquias ibéricas. E nisso voltamos a José María Cabrer que ressalta ao longo de toda a sua obra seu esforço por diferenciar os súditos de seu rei e aqueles da majestade fidelíssima.

É fato que ambos buscam o discurso científico e que é possível encontrar um caráter mais acentuadamente eurocêntrico em Azara. Todavia, a grande discussão teórica entre os dois é a mesma matéria do dia-a-dia das demarcações: os limites entre portugueses e espanhóis. Na América. Mas também na Península.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADAS

### *Biblioteca Nacional*

- AZARA, Félix de. Correspondencia oficial e inédita sobre la demarcación de límites entre el Paraguay y el Brasil. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836. Localização: 72, 6, 15A.
- AZARA, Félix de. *Diario de la navegacion y reconocimiento del rio Tebicuari. Obra postuma de D. Felix de Azara*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836. Localização: 72, 6, 15.
- AZARA, Félix de. *Diario de un reconocimiento de las guardias y fortines, que guarnecen la linea de frontera de Buenos - Aires, para ensancharla*. Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1837. Localização: 103, 3, 13 n° 4.
- AZARA, Félix de. *Memorias sobre el estado rural del Rio de La Plata en 1801; demarcacion de límites entre el Brasil y el Paraguay á ultimos del siglo XVIII; e informes sobre varios particulares da 1ª America Meridional española. Escritos postumos de Don Felix de Azara*. Madrid: Imp. Sanchiz, 1847. Localização: 72, 4, 31
- AZARA, Félix de. *Viajes por la America del Sur ... desde 1789 hasta 1801*. Montevideo, 1850. Localização na BN: 989/A992v3 III-22,6,9
- AZARA, Félix de. *Memórias sobre el estado rural del Rio de la Plata*. IN: AZARA, Agustín; Losada, Basilio Sebastián Castellanos de (ed.). *Memorias sobre el estado rural del Rio de La Plata en 1801; demarcacion de limites entre el Brasil y el Paraguay a últimos del siglo XVIII; e Informes sobre varios particulares da 1ª America Meridional española. Escritos póstumos de Don Felix de Azara*. Madrid: Imprenta Sanchiz, 1847. Localização na Biblioteca Nacional: 72, 4, 31.
- CABRER, Jose Maria. *Carta Esferica de las Pampas de Buenosayr[e]s y parte Austral del Reyno de Chile*. 1811. Colecion de Obras Impresas y Manuscritas.../Pedro De Angelis. ARC.009,14,005 cartografia.
- CABRER, José Maria. *Diario de la Segunda Subdivicion de Limites Española*. 1801. Arquivo Histórico do Itamaraty. Rio de Janeiro.
- COLEÇÃO de Angelis. *Do Tratado de Madri à conquista dos Sete Povos (1750-1802) Introdução, notas e sumário por Jaime Cortesão*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. Divisão de publicações e divulgação, 1969. Série: Manuscritos da Coleção de Angelis. Localização: [152.6.16](#).
- DIÁRIO da demarcação de limites que por ordem de Suas Majestades católicas fizeram a segunda partida unidas. Localização: 09,3,012.
- OYARVIDE, Andres de. *Título Plano del canal que forman los bancos ingles y del arquímédes ocon la isla de flores y costa de Montevideo hasta la Punta del Espimilo en el rio de la Plata*. Madrid : Dirección hidrográfica, 1819. Localização: ARC.007,15,004. Cartografia.
- OYARVIDE, Andrés de. *Diario de demarcación*. IN: CALVO, Carlos. *Recueil Historique Complet des traités*. Paris, 1866
- PORTELA, Alexandre Elói. *Pareceres a S. M., sobre recrutamento militar*. Fundo/Coleção: Augusto de Lima Junior. Localização: I-33,30,009.
- PORTELA, Alexandre Eloy. *Ofício acêrca de Verificar se a promessa de baixa de Luís do Rêgo, feita aos Milicianos que marcharão para Pernambuco*. Fundo/Coleção: Martins. Localização: I-28,32,025.
- PORTUGAL. *Tratado de limites das conquistas entre os muito altos e poderosos senhores D. João V rey de Portugal e D. Fernando VI rey de Espanha pelo qual abolida a demarcação da Linha meridiana ajustada no Tratado de Tordesilhas de 7 de junho de 1494, se determina individualmente a raya dos dominios de huma e outra Corôa na America Meridional*. Lisboa : Officina de Joseph da Costa Coimbra, 1750. Localização: 35, 0, 1.
- PORTUGAL. *Tratado preliminar de paz e de limites na America Meridional, relativo aos estados que nella possuem as coroas de Portugal, e de Hespanha, assinado em Madrid ... em o primeiro de outubro de 1777*. Lisboa: Na Regia Officina Typografica, 1777. Localização: 036,09,01.
- ROSCIO, Francisco João. *Compendio noticiozo do Continente do Rio Grande de S. Pedro até o dstricto da Ilha de St. Caterina : extraido dos meus diarios, observações, e noticias, que alcancey nas jornadas, que fez ao ditto continente nos annos de 1774, e 1775*. Localização: 022,03,013 Manuscritos.
- ROSCIO, Francisco João. *Mappas Particulares estrahidos da Carta da Capitna. do Rio Grande de S. Pedro e suas circunvisinhanças athé o Rº da Prata*. 1783. Localização: 005,04,035 Manuscritos.
- ROSCIO, Francisco João. *Planta do Rio Grande de S. Pedro e seus oredores com o canal entrada e bayxos da sua barra na forma que ella era em 1774...* 1781. Localização: 022,03,013 n.01 Manuscritos.
- SALDANHA, José de. *Diário geral das operações topográficas e observações astronômicas. Primeira divisão da demarcação da América Meridional, campanha 5ª de 1787 para 1788, à s ordens do*

- brigadeiro governador do Continente do Rio Grande de São Pedro, e principal comissário, Sebastião Xavier da Veiga Cabral de Câmara. Localização: 05,4,003.*
- SALDANHA, José de. *Reflexão sobre o methodo d'augmentar a produção da cochonilha n'esta Capitania do Rio Grande de S.Pedro, para acompanhar a remessa, que d'este genero se poude fazer no presente anno de 1799, por José de Saldanha. Localização: I-47,35,13.*
- SALDANHA, José de. Diário Resumido, e Histórico ou Relação Geográfica das Marchas e Observações Astronômicas, com Algumas Notas sobre a História Natural, do País. IN: *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. Vol. LI. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde – Serviço Gráfico, 1938.

### **Arquivo Nacional**

Secretaria de Estado e Ultramar. Códice 104, vol. 09.

### **Bibliografia impressa**

- AGUILAR Y JURADO, Vicente; REQUENA, Francisco. Historia de las demarcaciones de límites en la América, entre los dominios de España y Portugal. Montevideo, 1846
- ALMEIDA, André Ferrand. A formação do espaço brasileiro e o projecto do Novo Atlas da América Portuguesa (1713-1748) Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.
- ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Metamorfoses Indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.
- \_\_\_\_\_. *As diversas formas de ser índio; políticas indígenas e políticas indigenistas no extremo no extremo sul da América portuguesa*. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal Fluminense. Tese de doutorado. Niterói/RJ, 2007.
- CIPOLLA, Carlo. *Il Burocrate E Il Marinaio. La 'Sanità' Toscana E Le Tribolazioni Degli Inglesi a Livorno Nel Xvii Secolo*. Bologna: Il Mulino, 1992.
- CONCOLORCORVO, Don Calixto Bustamante Carlos. *El Lazarillo de Ciegos Caminantes. Desde Buenos Aires hasta Lima – 1773*. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1942.
- CONI, Emilio A. *El Gaucho*. Argentina - Brasil - Uruguay Buenos Aires: Ediciones Solar, 1986.
- FREITAS, Décio. *O Capitalismo Pastoril*. Porto Alegre: EST - SLB, 1980.
- GARCIA, Elisa Frühauf. *A integração das populações indígenas nos povoados coloniais no Rio Grande de São Pedro: legislação, etnicidade e trabalho*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2003.
- GIL, Tiago Luís. *Infiéis Transgressores: os contrabandistas da 'fronteira' (1760-1810)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.
- GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas. Um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HAMEISTER, Martha Daisson. "O Continente Do Rio Grande De São Pedro: Os Homens, Suas Redes De Relações E Suas Mercadorias Semoventes (C.1727-C.1763)." UFRJ, 2002.
- LANGFUR, Hal. *Uncertain Refuge: Frontier Formation and the Origins of the Botocudo War in Late Colonial Brazil*. In: **Hispanic American Historical Review**. 82:2, 2002.
- MELO, Karina Moreira Ribeiro da Silva e. *A Aldeia dos Anjos durante a década de 1770: um olhar sobre as relações entre indígenas e portugueses*. Monografia apresentada na disciplina Técnica de Pesquisa Histórica. UFRGS. Porto Alegre, 2007.
- NEUMANN, Eduardo Santos. *A fronteira tripartida: a formação do Rio Grande – Século XVIII*. In: Capítulos de história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Práticas Letradas Guarani: produção e uso da escrita indígena (séculos XVII e XVIII)*. PPGHIS/UFRJ (Tese de doutorado). Rio de Janeiro, 2005.
- OLIVEIRA Filho, João Pacheco de. *Os atalhos da Magia: reflexões sobre o relato dos naturalistas viajantes na etnografia indígena*. In: **Boletim Mus. Par. Emílio Goeldi. Série Antropologia**, 3: (2), 1987.
- PEIXOTO, Renato Amado. Impenitentes, desinteressados ou sem escolha: os demarcadores e as demarcações portuguesas no norte do Brasil durante a década de 1780. In: *Mneme – Revista de Humanidades*. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em [www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais)
- PERELMAN, Chaïm, & Lucie OLBRECHTS-TYTECA. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

- PORTO, Aurélio. "Dr. José De Saldanha." *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro 51 (1929).
- PORTO, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.
- SCHWARTZ, Stuart. *Brazilian Ethnogenesis: mestiços, mamelucos and pardos*. In: GRUZINSK, Serge & WACHTEL, Nathan (ed.). *Le Nouveau Monde: mondes nouveaux l'expérience américaine*. Paris : Editions Recherches sur les Civilisations ; École de Hautes Études en Sciences Sociales, 1996.
- SILVA, André Mansuy-Diniz. *Portugal e o Brasil: a reorganização do Império, 1750-1808*. In: BETHELL, Leslie (org). *História da América Latina*. São Paulo: Ed. da USP; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004. Vol. I – América Latina Colonial.
- STOLCKE, Verena. *Racismo y sexualidad en la Cuba Colonial*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Mughals, Ottomans, and Habsburgs in a Comparative Context*. In: *Common Knowledge*. 12.1 (2006). p. 66-92.
- WACHTEL, Nathan. *Os Índios e a Conquista Espanhola*. In: BETHEL, Leslie (org.) *História da América Latina*. São Paulo; Brasília: Edusp; Fundação Alexandre de Gusmão, 2004. Volume I: América Latina Colonial.
- WINDLER, Christian. *Élites locales, señores, reformistas*. Sevilla: Universidad de Sevilla; Universidad de Córdoba, 1997.
- ZIENTARA, Benedikt. *Fronteira*. IN: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Estado e Guerra. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 14. 1989.